AS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO ENFERMEIRO EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM OLHAR SOBRE A SALA DE IMUNIZAÇÕES

Alexsander Augusto Trindade \*, Márcio Antônio Resende , Gilberto de Souza , Roberta Aparecida Dias , Renata Angélica Calsavara , Bruna Cristina Franco , Gabrielle Cristiane de Souza.(2019)

Na ESF, fica visível a presença e o trabalho maior dos técnicos de enfermagem em relação ao enfermeiro em si, porém é incontestável que ele tem uma função de grande relevância, atuando de forma direta e indireta em todas as etapas que envolvem o processo de imunização, que acaba não ficando evidente para a população. Mesmo assim ele se afasta da sala de vacinação, levando a delegação de responsabilidade e atividades que são inerentes dele, e devido a isso, que danifica os resultados esperados e preconizados pelo MS e PNI. Portanto, antes de citar ações especificas do enfermeiro, ressalta o dever de dar maior importância a este assunto na formação acadêmica de enfermagem, afim que ele valorize e compreenda o PNI e suas ações ainda na graduação (CERQUEIRA e BARBARA, 2016).

A equipe de enfermagem na sala de vacina deve ser treinada e capacitada para os métodos de manipulação, conservação, preparação e administração, registrando e descartando os resíduos em locais adequados. Participando também no processo para determinar prioridades e no planejamento das atividades de vacinação (BRASIL, 2014). Sendo delegado ao enfermeiro a responsabilidade pela supervisão do trabalho desenvolvido, no processo de educação permanente. Essa função de Responsável Técnico (RT) do enfermeiro está estabelecida em resolução do Conselho Federal de Enfermagem nº 302/2005 (BRASIL, 2014).

As atribuições do enfermeiro dentro na sala de vacina, se dá principalmente pelo o envolvimento em vários processos como, o planejamento da vacinação, por meio de determinação de metas e monitorização da população a ser vacinada, dando um crédito maior ao acompanhamento da conquista das metas, promovendo estratégias de busca ativa dos não vacinados. A provisão regular de insumos e imunobiológicos, sendo responsabilidade mestra do enfermeiro, no cuidado contra o desperdício ou perda da vacina, além de sempre prover um funcionário adequado para a sala de vacina (BRASIL, 2014).

Por ser o enfermeiro o responsável técnico-gerencial, o mesmo exerce a supervisão como um relevante recurso de melhoria da qualidade das atividades prestadas, com o papel de organizar, monitorar e promover a evolução da equipe. A supervisão abrange todo o processo de acompanhamento do trabalho realizado na sala de vacina, indo além de trabalho com registros e metas, como no trabalho técnico dos trabalhadores da sala. Torna-se então, necessário que tenha um planejamento, para que aconteça a supervisão de forma ascendente, dado que os cuidados em processo de doença já instalados, sobrepõe aos cuidados preventivos, representados pelas ações na sala de vacina (OLIVEIRA et al., 2013).

Uma vez que a sala de vacina é um local muito complexo e ativo, é importante que tenha uma educação permanente para a equipe e para o próprio enfermeiro. Além que, nos últimos anos muitas mudanças ocorreram nos calendários vacinais, com adição de vacinas, e expansão das faixas etárias. Existe muito prejuízo na falta de capacitação, fazendo que o profissional que tem dúvidas, procure informações precipitadas em sites não confiáveis na internet, podendo impactar em uma informação errada e consequentemente uma conduta errada. O ideal é que sejam feitas as capacitações com um tema bem específico e não amplo, levando maior alcance do esclarecimento das dúvidas (MARTINS et al., 2018).

Com o propósito de prestar serviços de esclarecimento para os profissionais e gestores da área da saúde, e proporcionar um meio de trocas de experiencias, subsidiando conhecimento acerca de vários temas e procedimentos, inclusive a imunização, o MS possui uma plataforma digital, o Programa Nacional Telessaúde Brasil Redes, redefinida e ampliada pela Portaria nº 2.546, de 27 de outubro de 2011. Que opera através dos serviços de teleconsultoria, realizada em tempo real ou offline, telediagnóstico, segunda opinião formativa, que é construída em uma revisão bibliográfica com embasamento científico, e tele-educação, através de conferências, cursos ou aulas (BRASIL, 2011).

A educação permanente da equipe não deve ser feita apenas quando os profissionais comecem a trabalhar no local, uma vez que passaria a ideia de que o conhecimento é algo acabado, quando na verdade é algo em constante construção. É importante que todo esse conhecimento já esteja sendo construído desde a graduação, e que o enfermeiro já graduado tenha a consciência de se manter atualizado para que não existam receios no processo, não crie vícios e que o cuidado não fique automatizado. Porém, tem situações que necessita de decisões políticas, como por exemplo a efetuação e a solidificação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, onde depende do incentivo da gestão municipal de saúde. (OLIVEIRA et al., 2016; VIANA et al., 2015).

Mas para ter efetividade no processo pedagógico, uma das estratégias seria não usar um modelo que utilize um método de reunião de pessoas em uma sala, simulando uma sala de aula, fora do contexto da sala de vacina em si e sem o envolvimento da equipe multiprofissional. Com isso, é desejável que se realize o processo de forma constante no próprio local de trabalho, valorizando o desempenho e a experiência do profissional, através de metodologias ativas, com troca de experiências, promovendo diálogo, no método de confiança mútua, onde o enfermeiro possa passar o conhecimento e adquiri-lo, realizando ao mesmo tempo a supervisão dos profissionais e observando sua evolução. O bom êxito é alcançado quando o desempenho da equipe é melhorado, os episódios de falhas diminuídos e a confiança se mantenha íntegra, em que o profissional pode recorrer ao enfermeiro sempre que tiver dificuldades e o processo de educação se torna assíduo (OLIVEIRA et al., 2016).

Sempre é necessário que tenha atenção frequente as questões que abrangem ao processo pós vacinação, com ênfase na prevenção EAPV, e para isso o PNI estabeleceu o Sistema Nacional de Vigilância dos Eventos Adversos Pós-Vacinação. Que vem com o propósito de padronizar o reconhecimento e a ação adotada em casos suspeitos, levando mais conhecimento e identificando possíveis erros, tanto como no transporte, armazenamento e administração das vacinas, sendo incluído como agravo de notificação compulsória (TERNOPOLSKI et al., 2015; BISETTO e CIOSAK, 2017).

Um caso de EAPV, pode ser provocado por várias razões, como no curso de imunização da pessoa vacina, sendo apontado como erro de imunização. Este serve de mais atenção ao enfermeiro, pois um erro de imunização é caracterizado como um evento evitável, podendo estar relacionado a prática profissional, ao uso imprudente dos imunobiológicos, fora das normas e técnicas adequadas. Além que, pode gerar um desgaste ou ruptura da confiança da população na equipe e na própria vacina, influenciando no desenvolvimento do esquema vacinal, pois se uma vacina que normalmente é administrada em pessoas saudáveis, um EAPV principalmente desinente de erro de imunização surge um efeito negativo, já que a população teme pela sua segurança sendo que o evento é evitável (BISETTO e CIOSAK, 2017).

As notificações dos EAPV são imprescindíveis, já que auxilia na identificação de complicações raras ou atípicas e ajuda na determinação de sinais de segurança da vacina, onde toda a equipe deve estar qualificada sobre as notificações e protocolos, com objetivo preventivo (TERNOPOLSKI et al., 2015).

A vacinação de crianças deve ser cercada de atenção e cuidados, visto que elas ficam inquietas, nervosas e mal posicionadas durante a administração, inserindo também com uma possível falta de habilidade do trabalhador, podendo levar também ao erro de imunização. Afim de preparar a criança para o procedimento de vacinação, pode-se utilizar o brinquedo terapêutico, onde a criança brinca e lida com os instrumentos que são usados na vacinação, dando a ela liberdade de expressar seus medos, fazendo do brinquedo a principal ponte de comunicação e confiança entre o profissional e a criança. É importante que fique claro para a criança o que vai acontecer com ela, o porquê e se ela compreendeu, onde o brinquedo entra para auxilia-la a lidar com o medo, fazendo então uma boa preparação, na qual ela pode conter suas emoções e cooperar (BISETTO e CIOSAK, 2017; PONTES et al., 2015).

No ato de brincar, a criança deve se sentir livre para confiar que mesmo que ela chore ou grite durante o ato de vacinação, será compreendida pelo profissional que brincou com ela, e respondera livremente sem medo de reprovação, diminuindo comportamentos negativos. Ao se criar o vínculo com essa criança, o enfermeiro cria também com os pais e responsáveis, que se sentem seguros para esclarecer dúvidas e abertos a orientações (PONTES et al., 2015).

O enfermeiro é pessoalmente responsável pela supervisão do trabalho realizado na rede de frios de sua unidade, visando também o cuidado relacionado a perdas evitáveis, por exemplo a redução de perdas por erros, como esquecer geladeira aberta, quebra de frascos, frascos esquecidos em bancadas ou caixa termina mantidas de um dia para outro. Tais perdas devem ser reduzidas com capacitação constante, inspeção de validade de lotes e manutenção dos equipamentos de refrigeração, e manter a temperatura ideal das vacinas (CROSEWSKI et al., 2018). Mantendo-se cuidadoso com a conservação ideal da temperatura das vacinas de 2ºC a 8ºC, na qual o enfermeiro fiscaliza a monitorização de forma assídua, checando diariamente as temperaturas no mínimo duas vezes ao dia, no princípio e no final do trabalho e anotando no mapa de registro (BRASIL, 2017).

A maioria os enfermeiros relatam falta de tempo de trabalhar diretamente na sala de vacina, por estar com trabalhos acumulados em outras atividades da ESF, tanto gerenciais quanto assistenciais, e quando trabalham em sala de vacina, não atuam muito na administração das vacinas, apesar desta função ser delegado as técnicas de enfermagem, ela é uma das atribuições do enfermeiro, especialmente em casos de vacinação especial, dado que a manipulação é uma ação complexa, e é importante que tenha o domínio da técnica (CERQUEIRA e BARBARA, 2016).

O enfermeiro deve estar pronto para atender as dúvidas da população, tais como indicação e contraindicação de vacinas e caso tenha que substituir algum funcionário que faltou. O mais importante é que o não deve se esquecer que ele é responsável e responde pela sala de vacina e tudo que ocorre na sala com os trabalhadores, os imunobiológicos e os vacinados (CERQUEIRA e BARBARA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfermeiro tem papel relevante no funcionamento e controle das salas de vacinas, devendo demonstrar conhecimentos técnicos fundamentados em conceitos teóricos, garantindo assim a eficiência deste setor tão importante para a saúde pública. Destaca-se que mesmo que falte tempo de atuar diretamente, a delegação de tarefas, de forma arbitrária, causa prejuízo aumentando o risco de erros. É importante que sua gestão foque na sala de vacinas, executando a supervisão da equipe e do trabalho nela realizados, fazendo uso de práticas pedagógicas, para realizar uma educação continuada eficaz, garantindo desta forma um atendimento humanizado, além claro da redução efetiva dos EAPV. As práticas cotidianas envolvem a orientação efetiva de pacientes e familiares, monitorização da qualidade das vacinas aplicadas e do processo de trabalho desenvolvido, pois só assim garantiremos a efetividade do programa de imunizações.